Prefácio

Luis Alexandre Franco Gonçales, pesquisa e fotografa monumentos históricos da cidade do Rio de Janeiro desde a década de 1980. É autor dos livros Parque Nacional da Tijuca construções e ruínas históricas, A Lenda dos Fenícios na Pedra da Gávea, Tutankamon os tesouros de sua tumba e Parque Estadual da Pedra Branca construções e ruínas históricas, todos publicados pela Edital. Neste trabalho ele relembra com detalhes a fascinante aventura do explorador inglês Percy Harrison Fawcett, em busca da cidade perdida de Z, no interior da Amazônia.

Ronaldo Morais

A EXPEDIÇÃO FAWCETT

Em busca da cidade perdida de Z

Luis Alexandre Franco Gonçales
Rio de Janeiro
2015

A EXPEDIÇÃO FAWCETT
Em busca da cidade perdida de **Z**

"Você não precisa ter medo nenhum de um fracasso"
Últimas palavras de Fawcett para a esposa.

Primeira aventura e caça ao tesouro

O coronel Percy Harrison Fawcett, nasceu em 18 de agosto de 1867 na localidade de Torquay, uma cidade litorânea do condado de Devon - Reino Unido. Há um relato, que aos 10 anos de idade, ao entrar em uma caverna de sua cidade natal, ele encontrou um tesouro quando caiu em um buraco que havia no chão e no fundo tinham colocado uma baixela completa e vasos de prata, os quais presenteou seus pais. Aos 17 anos de idade, foi convocado para a artilharia real e serviu no Ceilão atual Sri Lanka. Aos 21 anos, já como tenente, nutria interesse por cidades perdidas e tesouros enterrados.



Fawcett aos dezoito anos

Ele tinha acabado de ganhar de um administrador colonial, uma carta que continha caracteres estranhos, estes tinha sido entregues ao administrador por um chefe de aldeia local. Nela, havia uma anotação em anexo, sobre uma cidade chamada Badulla, no interior da ilha, onde existia uma planície coberta de rochas. Em cingalês, o local era chamado de Galla-pita-Galla (Rocha sobre Rocha). O administrador não dando muita importância ao documento passou-o à Fawcett que talvez tivesse interesse nele.

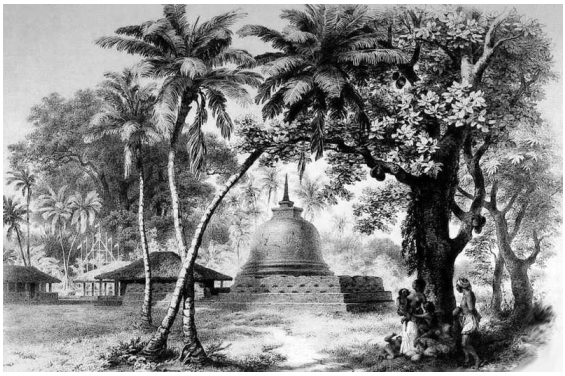
Ao sair de sua base no Ceilão (Forte Frederick), Fawcett contratou um veleiro para ir atrás do suposto tesouro que a carta

falava, afinal, para um tenente sem recursos financeiros aquilo seria deveras útil:
"Debaixo dessas rochas há uma caverna, outrora de fácil acesso, mas agora de difícil abordagem, pois a entrada foi obstruída por pedras, pela vegetação e pelo mato alto. Às vezes, leopardos são encontrados ali. Nessa caverna existe um tesouro [...] de jóias não lapidadas e ouro de um valor maior do que as posses de muitos reis."

Viajando 120 quilômetros pela costa do país, ele aportou em Batticaloa, para ir para Badulla que ficava a 150 quilômetros para o interior, lá ele alugou um carro de boi. Depois de passar por plantações de chá e arroz, ele chegou ao destino e perguntou a um plantador inglês se tinha ouvido falar de Galla-pita-Galla.

O inglês informou que não poderia informar muita coisa, mas indicou a Fawcett um chefe local chamado Jumma Das, um descendente dos antigos reis de Kandy que governaram o país até 1815. No mesmo dia à noite, ele se encontrou com o chefe local, este explicou que, segundo as lendas, o tesouro dos reis foi enterrado naquela região e que os vestígios arqueológicos e depósitos minerais estavam em volta da base das colinas a sudeste de Badulla, talvez perto de Galla-pita-Galla.

Na primeira tentativa, Fawcett não encontrou nada, mas tentou outra vez, agora com a ajuda de um mapa e de trabalhadores locais, achou um local que batia com as descrições do anexo. Durante horas, escavaram o local, mas só encontraram peças de cerâmica. Apesar da decepção, Fawcett gostou da experiência que lhe ajudou a se afastar da vida monótona que conhecia.



Templo em Badulla – 1808

A descoberta do amor

Meses depois, após sua volta ao Forte Frederick, Fawcett ficou sabendo que o arquiduque Francisco Ferdinando, planejava uma visita ao Ceilão e uma festa de gala foi preparada. Ele acabou não conhecendo o arquiduque, mas uma jovem atraiu sua atenção, era Nina Agnes Paterson, filha de um magistrado colonial. Nina era uma pessoa muito culta falava francês e alemão e tinha conhecimentos de geografia e religião, além de gostar de explorar a ilha e ter interesse pelos textos budistas.

Fawcett, no dia seguinte, escreveu para sua mãe (Myra Elizabeth), dizendo ter encontrado a mulher ideal, e no dia 29 de outubro de 1890, dois anos após se conhecerem, Fawcett a pediu em casamento. Nina prontamente aceitou, e sua família organizou uma festa, mas alguns membros da família de Fawcett eram contra o noivado e fizeram intriga sobre sua noiva, dizendo que ela não era pura.

Fawcett escreveu uma carta para Nina terminando o noivado, com a alegação que ela não era pura como ele pensava que era. Durante vários anos eles não tiveram mais contato, ele continuou servindo no forte e Nina retornou à Grã-Bretanha.

Tempos depois, ela conheceu um capitão chamado Herbert Christie Prichard, e acabaram se casando no verão de 1897, mas, cinco meses depois, ele morreu de embolia cerebral.

Nesse tempo, Fawcett já tinha descoberto a trama movida pela sua família, e principalmente, que sua mãe tinha planejado tudo, e ele não perdendo tempo, escreveu para Nina, implorando que o aceitasse de volta. Tempos depois os dois se encontraram, e alguns anos após, em 31de janeiro de 1901, se casaram. Foram morar na guarnição militar no Ceilão, e em maio de 1903 nascia Jack, seu primeiro filho.



Nina Fawcett

A entrada no budismo

Fawcett começava a ficar entediado com o Ceilão, embora este para sua esposa e filho, fosse um paraíso, mas ele, que era uma pessoa muito curiosa e ambiciosa, já não estava mais satisfeito em ficar ali. Querendo encontrar um meio de fugir do cotidiano, ele é atraído para o budismo da qual fazia parte seu irmão Edward, que

era teosofista que tinha se convertido ao budismo, e tinha ido para o Ceilão em 1890, para aderir ao Pansil também conhecido como os Cinco Preceitos do Budismo.

Mais tarde, seu irmão ajudou Helena Petrovna Blavatsky, mais conhecida como Madame Blavatsky, uma médium russa, a escrever seu grande "*opus*" de 1893, "A doutrina secreta".

De acordo com familiares de Fawcett, ele acabou aderindo também ao Pansil, supostamente inspirado pelo irmão, um gesto de rebeldia já que era um oficial militar, cujo dever seria combater o budismo e fomentar o cristianismo na ilha. Fawcett começava a se libertar do culto à superioridade da civilização ocidental e começava a aceitar à sabedoria do oriente, e esta mudança acabaria o levando para contradições bizarras e doutrina contraria a que tinha aprendido.



Helena Petrovna Blavatsky

A fascinação pelos famosos exploradores

Fawcett começava a se interessar por relatos de aventuras de exploradores como David Livingstone e Richard Burton, que começavam a surgir em publicações populares. Falavam que Burton, em 1853, disfarçado de peregrino tinha conseguido entrar em Meca. Na corrida para se descobrir a nascente do rio Nilo, quatro anos depois, John Speke, quase ficou cego por causa de uma infecção e quase surdo por uma abelha que penetrou no seu ouvido.

Livingstone, que também procurava à nascente do rio Nilo, desapareceu no fim de 1860, no coração da África. Em seu resgate, partiu Henry Morton Stanley em janeiro de 1871, jurando que o encontraria, dez meses depois, Henry conseguiu encontrá-lo, com uma frase que ficou marcada para sempre: "Doutor Livingstone, eu presumo?".

Livingstone se recusou a voltar com ele, pois estava determinado em sua busca. Ele acabou morrendo no nordeste da Zâmbia em 1873, desorientado, faminto, com um coágulo na artéria e hemorragia interna. Atendendo seu ultimo pedido, seu coração foi enterrado no local e seu corpo repatriado para a Inglaterra, onde o povo lhe prestou homenagem na Abadia de Westminster.

Tempos depois, Fawcett viria a fazer amizade com sir Henry Rider Haggard, romancista que retratou os grandes aventureiros e publicou em 1885, "As minas do rei Salomão", que como outros romances de aventura, foram inspirado em histórias e mitos, como a do Santo Graal. O herói da trama é Allan Quatermain, caçador de elefantes que se torna caçador de diamantes escondidos na África, seguindo um mapa desenhado com sangue.

Surge o desejo de ser explorador

Fawcett saiu caminhando em direção ao centro da ilha após passar pelo portão de Forte Frederick. Depois de passar por um brejo de vinhas e arbustos cheios de espinhos, encontrou uma muralha cheia de afrescos de elefantes, ela estava semi-enterrada. Era um fragmento de um templo antigo, e em toda volta ficavam arcos, pilares de pedra, e cúpulas de um palácio. Ela fazia parte de Anuradhapura, cidade construída a mais de 2000 mil anos atrás.

Tempos depois, Fawcett, escreveu a um amigo: "o velho Ceilão está enterrado sob o mofo e a floresta [...] Existem tijolos e cúpulas desaparecidas e montes, fossos e inscrições inexplicáveis".

Fawcett, que já estava com mais de trinta anos de idade, e com a certeza que não suportaria mais passar o resto da vida isolado em guarnições militares, resolveu seguir os passos de exploradores, como Livingstone, Joseph Conrad, Burton e Speke. Todos eles haviam partido de um lugar: a Real Sociedade Geográfica, em Londres. Lá ele tinha certeza que encontraria seu destino, pois iria fazer um curso de explorador.



Fawcett na RSG

A chegada a Real Sociedade Geográfica (RSG)

Fawcett, finalmente chegava aonde queria, a Real Sociedade Geográfica, em Londres, aonde iria se encontrar com Edward Ayearst Reeves. Reeves era instrutor-chefe de reconhecimento e curador de mapas, e foi o responsável pela transformação de Fawcett em um cavalheiro explorador.

Reeves era bem talentoso em ensinar, até um aluno pouco inteligente entendia seu enunciado. Juntos quase que na mesma época, estavam Charles Lindsay Temple, que prestou serviço Civil no Brasil, o tenente T. Dannreuther, colecionador obcecado por borboletas e insetos e Arthur Edward Seymour Laughton, que foi morto em 1913, por bandidos mexicanos aos 38 anos de idade.

Reeves foi conciso, se Fawcett e os outros alunos compreendessem suas lições, eles se tornariam uma grande geração de exploradores. Iriam se localizar em qualquer ponto da terra, e mostrar em pouco tempo em um mapa, sua localização, mesmo chegando vendados ao local.

Reeves mostrou aos alunos vários objetos nunca antes vistos por eles, como teodolitos, sextantes e aneróides. Levou-os até o topo do prédio para testar os equipamentos, todos experimentaram os instrumentos e Fawcett chamou a atenção de Reeves, pois ele era muito rápido em aprender, embora nunca tivesse usado um instrumento como o sextante, ele conseguiu usá-lo sem nenhuma dificuldade, na primeira vez e isso praticamente só é feito depois de se ter uma experiência considerável.

Fawcett obteve varias informações ao longo do curso, como fazer registro de suas descobertas, registrar e classificar tudo o que via a sua volta: localização de rios, seus volumes, as cores as paisagens, cadeias de montanhas, o tempo, se era chuvoso ou não, enfim, tudo que estivesse ao alcance de seus olhos. Aprendeu noções de medicina e antropologia, que também era chamada de "ciência dos selvagens".

Aprenderam a montar uma expedição, fazer travesseiros, camas de folhas de palmeiras e abrigos de trocos de arvores. Tiveram noções de medicina, como lidar com picada de serpentes venenosas e outros animais peçonhentos. Aprendeu como lidar com a sede e a fome, nesse caso, aprendeu a beber sangue de animal, a se alimentar de gafanhotos, grilos, outros insetos, e vermes comestíveis.

A maior ameaça para o explorador, era a entrada em territórios hostis onde viviam canibais e selvagens, ao entrar nesses locais o explorador recebia a instrução de andar protegido pela escuridão e com o rifle pronto para uso. E caso um integrante morresse, ele deveria fazer um relatório minucioso, e levar os outros membros da expedição a confirmar o ocorrido. Se um homem se perdia, antes de abandoná-lo, deveria ser feita uma reunião para saber se todos concordavam com o fato dele ter sido exaustivamente procurado, mas não encontrado, e no final, anotar as opiniões de cada integrante.

Após um ano, Fawcett e seus colegas de curso, se prepararam para o exame final, eles tinham que mostrar tudo o que tinham aprendido. Fawcett, junto com Nina, passava horas estudando, ela também compartilhava seu interesse pela exploração, se ele falhasse, voltaria à estaca zero. Ao fazer a prova, preencheu com atenção cada uma das respostas, e terminando, entregou sua prova a Reeves. Este, logo após, deu a resposta que Fawcett tanto aguardava, ele tinha passado, e com notas altas. Fawcett tinha conseguido se formar como explorador pela Real Sociedade Geográfica (RSG), e logo depois receberia sua primeira missão, não como explorador, mas como espião, ele deveria ir para o Marrocos.

A partida para Marrocos como Espião

Fawcett recebeu sua missão do governo britânico e em 1901, partiu para o Marrocos, disfarçado de cartógrafo, com binóculos, mapas e telescópios. Sua missão era examinar tudo que estivesse ao alcance: conversas, lugares, pessoas. O seu chefe do setor de inteligência britânica, codinome "James", tinha lhe instruído que acessasse: "natureza das trilhas [...] aldeias [...] água [...] Exército e organização [...] armamento [...] política".

No inicio do século XIX, o governo britânico estava alistando espiões entre os cartógrafos e exploradores. Era uma forma de introduzir pessoas disfarçadas dentro de territórios estrangeiros sem levantar suspeitas e caso fosse descoberto em atitude suspeita, poderiam negar seu envolvimento com a espionagem.

A RSG estava a par dessas atividades, talvez até como cúmplice. Suas fileiras estavam abarrotadas de espiões, tanto aposentados, como os em atividade. Depois de atuar durante um ano no Marrocos e passar diversas informações para "James", Fawcett retornou para a Inglaterra em 1902. Dizem que foi a única vez que atuou como espião oficial, será verdade? Seu grande poder de observação atraiu a atenção de sir George Taubman Goldie, um administrador colonial britânico, que se tornou presidente da RSG, em 1905

Mapeando fronteiras na Bolívia

Estamos no inicio de 1906, Fawcett, que estava no momento na Irlanda, após voltar do Marrocos, esteve aquartelado em varias guarnições militar, é recrutado por Goldie, que ao chegar a RSG, lhe pergunta: "Você sabe alguma coisa sobre a Bolívia?". Fawcett, responde que não, Goldie, lhe explica: "Geralmente as pessoas pensam na Bolívia como um lugar no topo do mundo.

Boa parte do país fica nas montanhas; mas, além das montanhas, no leste, há uma enorme área de planícies e floresta tropical".

Goldie, mostrando um enorme mapa da Bolívia, aponta varias regiões em branco, uma região em especial estava em litígio, as fronteiras, não eram claramente definidas, a iminência de uma guerra por causa da borracha parecia inevitável. Os países tinham organizado uma comissão de fronteiras e queriam um observador imparcial da RSG, para delimitar as divisas em questão, iniciando por uma área entre a Bolívia e o Brasil. Essa área tinha várias centenas de quilômetros de espaço de terra praticamente intransponíveis.

Goldie explicou que a expedição teria duração de dois anos, e não dava garantias sobre a segurança e a sobrevivência do grupo. Doenças assolavam a região, e extratores de borracha atacavam os índios da região, que por sua vez matavam quem invadisse suas terras. Goldie perguntou: "Você estaria interessado em levar isso adiante?". Fawcett, respondeu: "O destino me escolheu para ir, então não poderia haver outra resposta!".

Fawcett tirou licença do exercito e embarcou para New York, em maio de 1906, de lá partiu no navio SS Panamá, deixando para trás sua esposa Nina, grávida novamente e seu filho Jack, que agora tinha quase três anos de idade. Ao lado de Fawcett, ia seu segundo em comando na expedição, Arthur John Chivers, que tinha 30 anos, era engenheiro e agrimensor, e a RSG o havia recomendado.

Fawcett passava o tempo da viagem aprendendo espanhol, e quando finalmente chegaram ao Panamá, de lá, ele tomou um navio para Lima, no Peru, e depois partiu de trem para La Paz na Bolívia. Chegando ao seu destino, ele ainda teve que esperar mais de um mês, para que lhe fosse fornecido pelo governo, alguns milhares de dólares, e como a quantia fornecida não fosse suficiente para as despesas de viagem e provisões, ele acabou ficando irritado e acabou entrando em conflitos com funcionários

do governo, fazendo com que o cônsul britânico tivesse que intervir.



Fawcett na Bolívia

Fawcett e Chivers partiram em 4 de julho de 1906, sua alimentação básica era composta de sopa desidratada, chá, leite em conserva, biscoitos de noz de cola, sardinhas em molho de tomate e limonada efervescente em pó. Eles tinham adquirido também, cordas, redes, mosquiteiros, linhas de pesca, espingardas, uma bateia para separar ouro, instrumentos de pesquisa, uma câmera estereoscópica e um kit médico.

[Antes da colonização européia, a região andina boliviana fazia parte do império Inca o maior império da era pré-colombiana. O império Espanhol invadiu e conquistou essa região no século XVI. Durante a maior parte do período colonial espanhol, este território era chamado Alto Peru ou Charcas. A Bolívia é habitada há mais de 12.000 anos.]

Fawcett e Chivers começaram sua jornada montados em lombos de mulas, junto com suas cargas, animal esse que

conforme aprendeu no curso de explorador era capaz de carregar quase 32 quilos. Eles começaram sua jornada a centenas de metros de altitude, e o grupo quase não enxergava devido às fortes nevascas, com o vento cortando picos com quase seis mil metros de altitude, era difícil crer que estavam indo para uma floresta.

Depois da longa descida, atravessando penhascos e pinguelas pelo caminho, já a mil metros de altitude, e sentindo a mudança de temperatura, Fawcett ficou encantado com o que viu: uma floresta surgiu no vale abaixo, com rios partindo em todas as direções com milhares de quilômetros, era a Amazônia.

Fawcett e Chivers, depois de abandonarem os animais de carga, mudaram para uma balsa feita de galhos e vinhas e percorreram a fronteira da Amazônia, passando por vários vilarejos. Esses vilarejos haviam sido fundados por colonizadores guiados pelo encanto do "ouro negro" (como era chamada a borracha natural). O ciclo da borracha viveu seu auge entre 1879 e 1912.



Fawcett no acampamento 1906

A chegada aos seringais

"Cristóvão Colombo foi o primeiro a contar que viu índios quicando uma bola feita de uma estranha substância pegajosa que sangrava das árvores tropicais"
[A borracha já era usada pelos povos pré-colombianos desde as épocas mais remotas, e uma das facetas mais características da civilização Teotihuacán (300 a.C. a 600 d.C.) foi o jogo ritualístico